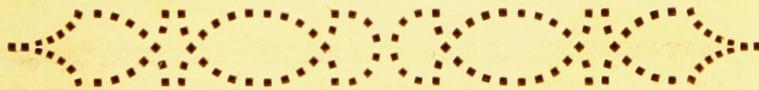


Offic. Commercio

CAMINHA — Igreja Matriz

(Fot. de Celestino de Azevedo Pires)



Braga, 24 de Novembro de 1928

DIRECTOR E EDITOR

Joaquim Antonio Pereira Villela

Ilustração Catholica

COMPOSTA E IMPRESSA NA TIPOGRAFIA DA PAX -- BRAGA

NUMERO 348 — ANO VII

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «Ilustração Catholica», L.da

Livros para premios ás creanças

Serie de cantos ilustrados, colleccionados por um Padre da Companhia de Jesus

- I — *Amai a vossos inimigos.* Episódio da guerra dos Mauris na Nova-Zelandia (VIII e 94 pags.).
- II — *Os Filhos de Maria.* Narração de Caucaso (VIII e 96 pags.).
- III — *O Juramento do Chefe dos Hurões.* Narração da historia das antigas missões do Canadá (VIII e 116 pags.).
- IV — *Marão, o Joven Cristão do Libano.* Episodio da ultima perseguição dos cristãos na Syria (VIII e 76 pags.).
- V — *O Anjos dos Escravos.* Uma narração do Brazil (VIII e 82 pags.).

São livros de leitura amena que hão de ir despertar nos corações tenros das crianças sentimentos nobres e generosos, apontando-lhes para um ideal nobre e elevado

PREÇO DE CADA VOLUME

ENCADERNADO COM 1 CAPA A CORES. 7\$50

Novidades para o Natal

Estampas a côres em variados assuntos do Nascimento do Menino Jesus, Adoração dos Reis Magos, etc.

LINDOS PRESEPIOS em cartão recortado, proprios para Brindes

PREÇOS DE CADA UM

1\$50; 2\$00; 6\$50; 8\$50; 10\$00 e 12\$50

Caixas com as figuras em massa para compor os presépios

Cromos com imagens de santos diferentes e coloridos

Novena do Natal

Por D. Mauro da Silva O. S. B.

Brochada	1\$20
Pelo correio	1\$50

A' venda na Administração da «OPUS DEI»

«PAX»

Secção LIVRARIA LITÚRGICA

Rua Nova de Sousa -- BRAGA

PASSAGENS GRATIS A FATIMA

Se V. Ex.^{as} se quiserem habilitar aos premios das passagens e outros brindes de graça, é só enviarem 5 mil réis empregando-os em artigos religiosos, deixando a escolha entregue ao proprietario desta casa. Cada 5 mil réis de compras leva um bilhete numerado e pela extração da lotaria de Lisboa serão contemplados todos os numeros até ao 6.º premio ou sejam 32 premios gratis.

Casa Imaculada Conceição

— DE —

João Monteiro Pereira

72, Rua do Loureiro, 74 — PORTO



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA

— 88 —

Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º

Propriedade da Empresa «Illustração Catholica».

Braga, 24 de Novembro de 1928

Composta e impressa na Tip. da «PAX»
BRAGA

Anno VII — N.º 348



Off. Comercio

BRAGA — Largo de S. João do Souto. Ao lado da Igreja pa-
roquial vê-se a formosa «Capela dos Coimbras», primoroso
exemplar da arte manuelina, com valiosas esculturas Renas-
cimento (escola coimbrã), obra do primeiro quartel do sec. XVI

COMEÇA a pensar-se, na Italia, em celebrar o XIV centenario da ordem beneditina, passando no proximo ano o 1400.º aniversario da fundação da abadia do Monte Cassino.

E' de justiça, de inteira justiça que a Italia celebre os fundamentos dessa abadia quatorze vezes secular. Ela foi o maior centro de cultura medieval. Transmittiu aos povos modernos o humanismo dos antigos; acalentou as artes; deu ás sciencias um admiravel impulso. Ela sustentou a civilização.

Monte Cassino surgiu, quando as ondas dos povos barbaros começavam a espriar-se, como um refugio de piedosos monges, que desviados do bulício da terra, aspiravam a consagrar-se no serviço de Deus, á consideração das coisas celestes.

Mas, se quando lançava os fundamentos da sua obra, não pensava S. Bento em a criar tamanha, e assim é que não imaginou uma Ordem, mas uma simples casa de Deus, tão providencial era a sua acção que a breve espaço outras abadias semelhantes se formavam não só na Italia, mas em diversos pontos da Europa. Quatorze anos após, em 542, já existiam mosteiros que em Portugal seguiam a regra de S. Bento.

Foram os beneditinos os unicos eruditos da Idade Media. Mais: a civilização medieval é uma obra beneditina. Sem o fremito da vida contemporanea, o monge de S. Bento, desde a primeira hora cassinense teve de consagrar quatro horas diarias ao estudo, á leitura dos livros escritos em pergaminho; com elegancia admirável, cuja perfeição nos exemplares e simples fragmentos que nos restam, encantam ainda hoje, os artistas, extasiados deante das suas iluminuras.

Mas há mais. No fragor da invasão em que desabou o antigo imperio, e surgiram os novos Estados, os claustros beneditinos acolhendo os filhos dos reis e os enviados dos bispos, com o povo mais modesto, foram as únicas escolas em que pôde popularizar-se a instrução, propagaram-se os conhecimentos, transmittiu-se ás novas gerações a cultura obtida pelos antigos. S. Martinho de Dume, descansava dos seus trabalhos de bispo bracarense para escrever compendios didácticos para a côrte dos reis suevos; S. Geraldo, beneditino como ele, chamava monges copistas que multiplicassem e iluminassem os exemplares dos livros rituais bracarenses.

E eis porque recordamos este centenario que não deve passar em Portugal despercebido. Portugal é, ele proprio, uma obra

benedictina: só o citar os nomes de bispos bracarenses, como Rosendo, Fructuoso, Martinho e Geraldo, tão celebres, reparar um momento no que eles fizeram para formar a personalidade mental do nosso povo, seria o bastante para legitimar a comemoração de uma obra a que tanto deve a nossa civilização, e o encarecimento subiria de ponto, e a importancia portugueza do centenario seria bem maior, desde que nos detivessemos, se o comportassem os limites desta crónica, a inquirir do que sabemos de Tibães, do acisterio de Mumadona, de Lorvão, de Vilar de Frades, de tantos outros mosteiros da regra beneditina, qual a importancia, qual a influencia que exerceram, antes e depois de constituido Portugal na sua actual demarcação política, nos destinos da nossa raça.

Atravessamos um periodo em que se vai reabilitando a Idade Media. A dourada barbarie, a ignorancia dos senhores, é uma capa deveras superficial, e que ofuscou o espirito dos historiadores modernos. A' maneira que se foram profundando os estudos, e se desceu ao amago dessa civilização, teve de reconhecer-se, vai-se reconhecendo, que sobre as elegantes abobadas de rendilhados claustros, desseminalados a milhares por toda a parte, houve quem não deixasse apagar a luz serena da sciencia, e se ocupasse continuamente, ininterruptamente, na oração e no trabalho. E essa oração revestiu-se das mais elegantes formulas literarias, vencendo o aticismo da idade de oiro da latinidade, e esse trabalho o mesmo se ocupava em rendilhar claustros, e adornar altares com primores de arte, que em delinear esmeros de caligrafia; da mesma forma arroteou bravios, plantou bosques, lançou atravez dos vales aqueductos que iam fertilizar areias improductivas. A obra beneditina, essa que formou o espirito de Portugal, e de toda a Europa, é o transumpto de toda a civilização medieval, o germen de toda a moderna cultura.

O movimento salvador partiu de Monte Cassino, erguido em 529 pela piedade de S. Bento: irradiou desde logo por toda a Europa.

A comemoração deste centenario, por inumeros motivos, não deve passar em Portugal despercebida. Travam-se, para os patriotas, com ele muito da personalidade portugueza; para os católicos, há, com essa, outro motivo mais: é que cantando as glorias da Patria, fazemos ao mesmo tempo que Deus se glorifique em todas as coisas.

Viver de Amor!

Adaptação a uma música
de J. Artigarum

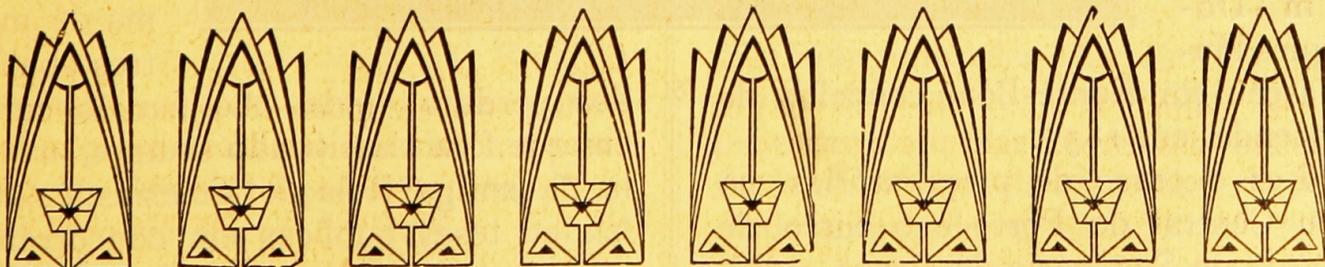
Viver de amor é ter-Te dentro em mim,
Verbo Incriado, ó Verbo do meu Deus,
Ah, Tu sabes, Jesus, que não tem fim
O amor que acende a luz dos olhos meus.
Amando-Te, o meu peito é uma fogueira
Onde o meu coração se abraza, em dor,
Oxalá eu fizesse a terra inteira
Viver de Amor!

Viver de amor é acompanhar-te os passos
Pela estrada do Gólgota, ó Jesus.
E' caminhar contigo, nos Teus braços,
Até morrer na tua própria Cruz.
Sedento de ternuras e carinhos,
Sempre o meu coração por onde fôr,
Há-de, sorrindo aos mais crueis espinhos,
Viver de amor!

Viver de amor é ter como coroa
Uma grinalda mística de abrolhos.
E' voar sempre como a águia voa,
Numa eterna ascensão para os Teus olhos.
Amar-Te é contemplar o céu aberto,
Num milagre de graça e de esplendor.
Basta, porisso, à alma, no Deserto,
Viver de amor.

Viver de amor é dar-me plenamente,
Num acto de abandôno o mais perfeito.
E' deixar expandir-se a lava ardente,
Que palpita e que vibra no meu peito.
Jesus: Sofrer por Ti, na maior calma,
Na alegria mais santa e paz maior,
Eis o que é, neste mundo, prà minha alma,
Viver de amor!

JORGE : DO : SANTO : GRAAL.



MONSENHOR MARIZ

As suas bodas de oiro sacerdotais

E' HOJE muito pequena para mim a « Ilustração ». Não por causa da fecundidade do meu pensamento, mas porque defronto uma personalidade rara, uma vida exuberante de actividade, uma consciência clara, uma alma superior, cheia de nobreza inviolável,— a única nobreza verdadeira, que é a dignidade, a compostura irrepreensível da vida pública e da vida particular, — vida sem zigueszagues de transigências humilhantes e desonrosas, vida cheia de harmonia moral encantadora, — clara como o cristal, branca e serena como a luz.

Monse-
nhor Joa-
quim Do-
mingues Ma-
riz nasceu em Fonte-Bôa, concelho de Espozende, em 1855.

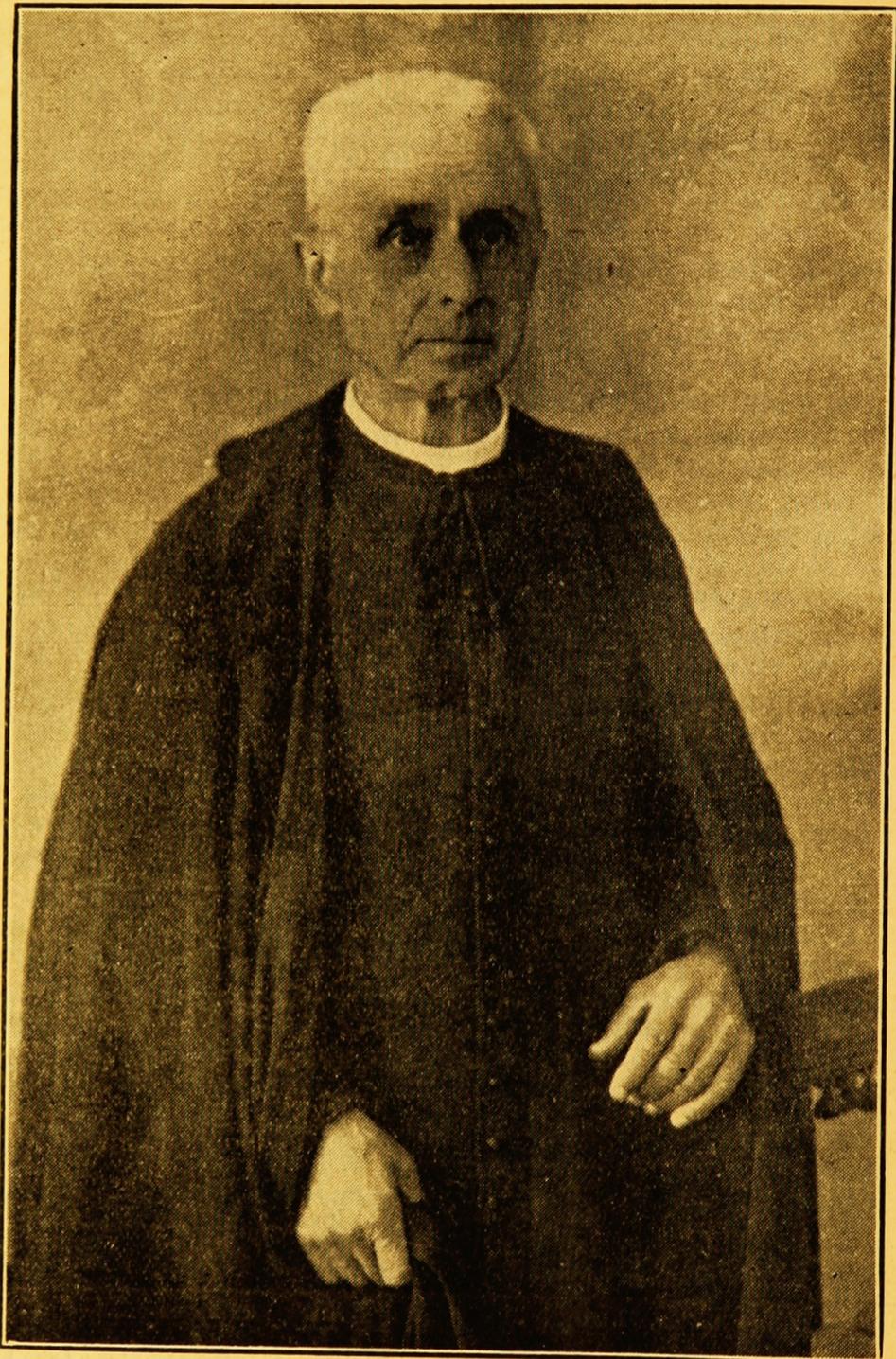
Fez o curso de preparatórios no Liceu Central do Porto e o curso de Teologia no Seminário de Braga, edifi-

cando a condiscípulos e professores pela sua inteligência, pela sua aplicação e pela sua radiante virtude, com o predomínio duma entranhada modéstia cativante. Ainda ontem meus olhos

caíram sôbre a página dos arquivos do Seminário Conciliar, relativamente ao ano de 1874, e vi que, no primeiro dia de actos, ficaram reprovados todos os examinandos.

Ao outro dia, porém, o estudante Joaquim Domingues Mariz ficou distinto, sendo examinadores os cônegos António Lopes de Figueiredo, Joaquim Alves Mateus e José Gomes Martins, cuja fama de mestres abalisa-

dos perdura ainda. Ao fim do curso, em que fôra classificado sempre, na sala da antiga Relação Eclesiástica, defendeu teses públicas em concorrência com o seu condiscípulo Francisco da



Conceição Pereira Cabral, hoje professor do Seminário do Porto, na presença do Arcebispo D. João Crisóstomo, Cabido, Professores e convidados.

Ordenou-se de presbítero em 1878, celebrando a primeira missa no dia 5 de Outubro dêsse mesmo ano.

Em seguida, matriculou-se na Universidade de Coimbra, doutorando-se na faculdade de Teologia, onde, como em Braga, fez a mais avantajada colheita de classificações distintas durante os cinco anos do curso, grangeando a admiração dos lentes e a admiração dos condiscípulos, que simultaneamente lhe consagravam vivo respeito e simpatia.

Em Coimbra, teve por companheiro de casa o Dr. Francisco Rodrigues da Cruz, o popular Padre Cruz, tão conhecido em todo o país, principalmente em Lisboa, e de quem Manuel Ribeiro nos dá, cheia de nitidez, uma bela fotografia, nas páginas da sua *Catedral*.

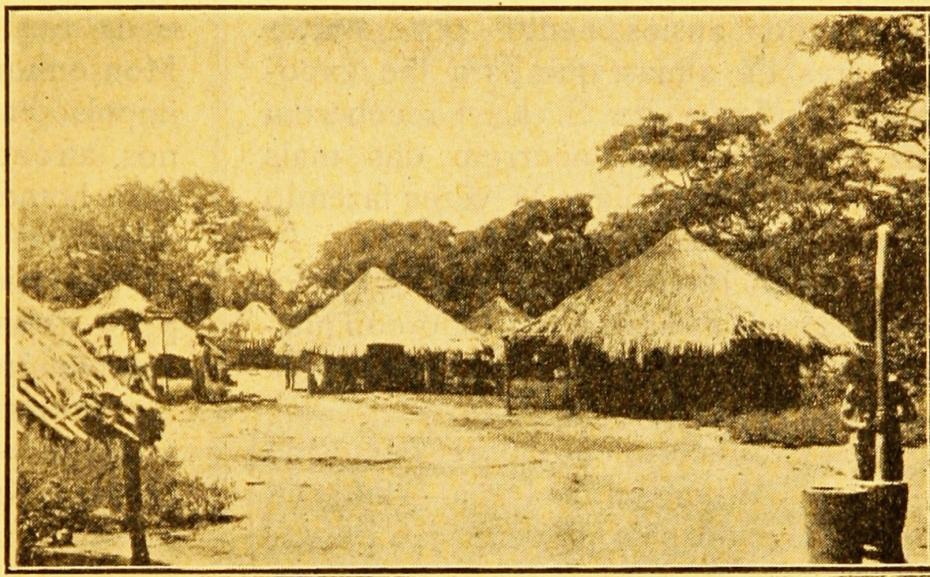
Mal feito bacharel, o Dr. Joaquim Domingues Mariz veio para esta cidade, entregando-se com amor desvelado e consciencioso ao exercício do magistério, sendo professor no afamado e inolvidável Colégio do Espírito Santo e regendo no Seminário Conciliar as cadeiras de Literatura e de Hermeneutica Bíblica, sendo, pouco depois, nomeado professor da cadeira de Teologia Moral, função que desempenha ainda com a mais desvelada e manifesta proficiência.

A 22 de Fevereiro de 1896, recebeu S. Ex.^a da Santa Sé as honras de *Cubicularium Secretus, supra numerum*.

Monsenhor Joaquim Domingues Mariz é Desembargador da Relação Eclesiástica e Promotor do Juízo Apostólico. E foi nomeado Oficial e Presidente do Tribunal Diocesano, em Provisão de 2 de Março de 1925.

Foi instado para fazer parte do

ilustre corpo capitular da Sacrossanta Basílica Primacial pelo saúdoso Arcebispo sr. D. Manuel Baptista da Cunha e pelo venerando Prelado actual sr. D. Manuel Vieira de Matos; mas, alegando respeitosa e poderosamente razões, declinou a graça nobilitante... inspirado sempre — bem o sabemos todos — na modéstia profunda, que tem sido continuamente a pedra angular do seu carácter diamantino.



AMATONGAS — Missões Franciscanas — Povoação do Regulo

Várias vezes, Monsenhor Mariz tem sido lembrado para cingir a mitra e sopesar o báculo episcopal.

Ainda há dias ouvimos dizer ao nosso Ex.^{mo} Prelado que Monsenhor Mariz não é bispo unicamente por causa da sua débil saúde.

E o senhor Arcebispo Primaz, ao declarar isto, fez do venerando e estremecido Professor, em palavras carinhosas, o mais entusiasta e mais alto elogio que uma individualidade de tal categoria pode fazer dum sacerdote.

Talvez um que outro discípulo de Monsenhor Mariz, em tantas gerações, não ficasse bem impressionado com êste distintíssimo professor.

Não podia deixar de ser.

Espíritos atrabiliários e inteligências indisciplinadas são eternos maldizentes de tudo... e de todos quantos procuram orientar os seus actos pelos secretos ditames da consciencia bem formada e caminham, na sombra da modéstia, inalteravelmente inspirados pelo

dever. Monsenhor Mariz, além das suas ocupações oficiais, dedicou-se amoravelmente ao exercício activo e zeloso dum apostolado continuo e absorvente, sendo « tudo para todos ». Professor competentíssimo e laborioso, era simultaneamente orientador de consciências, — delicado e fatigante munus, que exige qualidades extraordinárias, fecundadas por um grande espírito de sacrifício.

Monsenhor Mariz, tôda a longa vida, tem sido Mestre e Conselheiro, procurado ansiosamente por muitos pastores de almas, que para lhe exporem dúvidas e de S. Ex.^a receberem luz esclarecedora, acorrem das mais longínquas distâncias, às vezes fazendo as mais penosas travessias.

O venerando e ilustrado Sacerdote procurou sempre e em tudo conquistar Deus para si próprio, na prática da caridade bem compreendida.

Mas precisamente porisso mesmo — porque é homem de Deus — foi sempre dominado pela preocupação de dar

feições mais simpáticas do ministério sacerdotal. E, sendo das mais difíceis, é, mau grado nosso, a mais atabalhoadamente exercida em muitas partes, sem critério pedagógico, sem continuidade e sem amor.

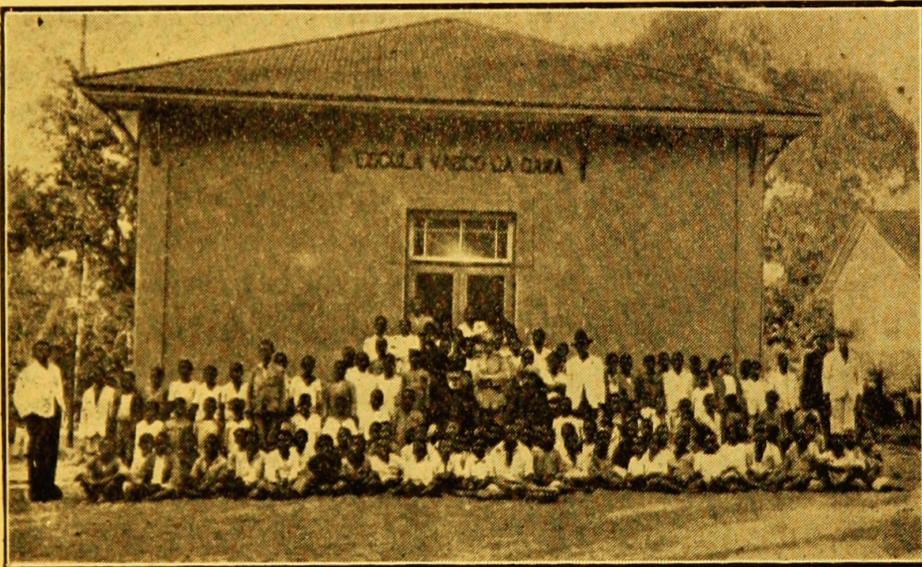
E, sendo a base de tudo, porisso há tanto artifício vergonhoso e tanta falência deplorável, seja dito em parêntesis.

Em todos os empreendimentos generosos em favor dos direitos de Deus e da Sua Igreja, temos encontrado a Monsenhor Mariz, acionando e dando impulso entusiasta, sem respeitos humanos, afrontando as paixões mesquinhas dos homens, superior a preconceitos daninhos, lamentavelmente enraizados na consciência colectiva, desorientada pelos nefastos princípios liberalistas, revolucionários.

Porisso o encontramos, de alma ardente, paladino intemerato do « Centro Católico », superior a correntes partidaristas e a fórmulas humanas, — precárias, falíveis e transitórias.

Na presença do querido Professor e Amigo, através daquele corpo adelgado, quasi fluído, eu vejo sempre a alma cristalina, que reflecte a bela imagem de Deus e parece-me, como ao capitão Marceau numa entrevista com o Santo Cura d'Ars, que nunca vejo a Deus tão perto de mim.

P.^e SILVA GONÇALVES.



INHAMBANE — Missões Franciscanas — Escola « Vasco da Gama »

Deus aos filhos de Deus, sabendo que os devia amar como a si mesmo.

E vimo-lo infatigavelmente dedicado à obra das catequeses, ministrando o ensino aos pequeninos, aparecendo em tôda a parte onde ressoasse o desolado lamento do profeta de Anathoth: *parvuli petierunt panem, e non erat qui frangeret eis.*

O trabalho catequético é uma das

AMIGO DA CAMA

Havendo escapado um velho de 95 anos duma perigosa enfermidade, instavam com ele alguns amigos afim de que sahisse da cama.

— Para quê? respondeu o bom do velho; por mais dois dias de vida não vale a pena de me levantar!...

A uma criança duns oito ou 9 anos que dizia ter grande saudade por um irmãozinho mais novo que lhe havia falecido, perguntou uma pessoa amiga que a ouvia:

— «Tu sabes o que é a saudade?»

— «Sei, sei», — responde a criança tomando um aspecto grave e triste — «é o coração com vontade de chorar...»

*

Definição tão exacta como bela, tão espontanea como poetica dada ingenuamente por uma criança que certamente a *sentia* bem mais do que a *pensava*...

E' assim o sentimentalismo náto que palpita na alma portugêsa traduzido na ardente Fé das suas crenças religiosas, na bucólica poesia das suas canções populares; nas festas características, ainda usadas nas nossas aldeias; no encanto das nossas lindas e variadas paisagens; nos sorrisos das camponesas ostentando os seus formosos trajos regionais; no azul tão puro do Céu... na prateada areia das nossas praias... e até na mesma palavra — «saudade», que não tem *igual* em outra linguagem conhecida... expressamente para definir o «doce e amargo» — sentimento de que *só um coração* portugêz sabe vibrar com toda a sua enternecedora intensidade...

*

A' *Criancinha* de então, que hoje — alguns anos volvidos — é uma gentilíssima e joven senhora que, não obstante haver passado alguns anos em paízes estrangeiros — jámais deixou de amar e de honrar com as suas elogiosas referencias e com a natural distincção do seu porte a formosa Pátria que lhe foi berço, — ofereço estas singelas e despertenciosas linhas como doce recordação da sua primeira infancia e como prova sincera da verdadeira amizade que desde então lhe consagro, — como se da minha própria família fizesse parte.

Braga, 21-11-928 MARIA DA CONCEIÇÃO FONTES.

Condessa de Carcavelos

Na última segunda-feira, passou o aniversário natalicio desta illustre titular, viuva do saudoso Conde de Carcavelos, ultimamente falecido e cuja morte foi profundamente sentida, nesta cidade, onde era justamente considerado por todos os que o conheceram e lhe avaliaram em vida as suas perigrinas qualidades de espírito e de fino carácter.

A Ex.^{ma} Condessa de Carcavelos, filha dos illustres Condes de S. Mame-



Condessa de Carcavelos

de, nobre pelas suas tradições de família e nobre, pelas suas acções em favor dos pobres e dos protegidos da fortuna, tem dedicado a sua vida na pratica de obras cristãs e sociais.

As conferencias de S. Vicente de Paulo e muitas obras de caridade devem a S. Ex.^a uma grande parte da sua acção.

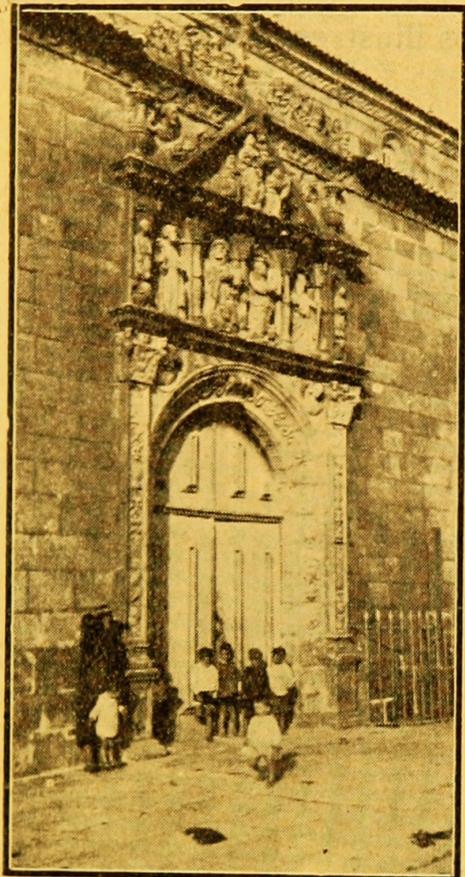
A «Illustração Catholica» aproveitou este ensejo para prestar à benemérita titular, as homenagens do seu respeito e da sua alta consideração, desejando a S. Ex.^a uma longa vida para satisfação da sua illustre família, e das obras sociais e cristãs, desta cidade.

VESTIGIOS DO PASSADO

I

A IGREJA MATRIZ DE CAMINHA

UMA das mais belas, das mais artísticas obras da arquitectura manuelina, não só da nossa província do Minho, mas, no género, de todo êste



CAMINHA — Porta lateral da Igreja Matriz

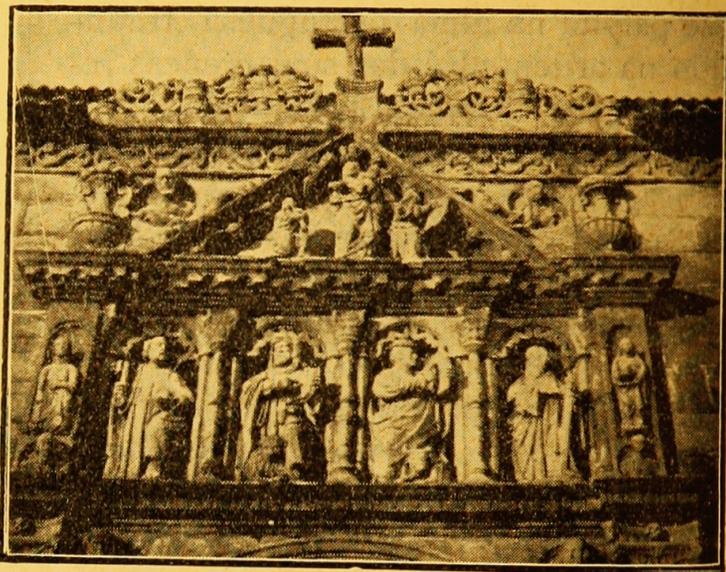
(Cliché de Celestino Pires)

querido Portugal, é, sem dúvida, a imponente Igreja Matriz que se admira na risonha vila de Caminha, semi-escondida num modesto recanto da rua Direita, junta da antiga casa dos Marquezes de Vila Real.

Construída em excelente cantaria, nela se admiram os mais lindos rendilhados da época, onde o gosto do artista se revela no mais leve detalhe.

A platibanda, que é um autêntico primor de arte, apresenta duas goteiras, uma das quais simboliza a figura de um homem, de cócoras, em posição assás extravagante.

A porta principal, bem como a da travessa, que dá para o sul, são duas relíquias de valor. A primeira é encimada por uma linda rosácea trabalhada na pedra; a segunda é uma verdadeira



CAMINHA — Cimalha da porta principal da Igreja Matriz

(Cliché de Celestino Pires)

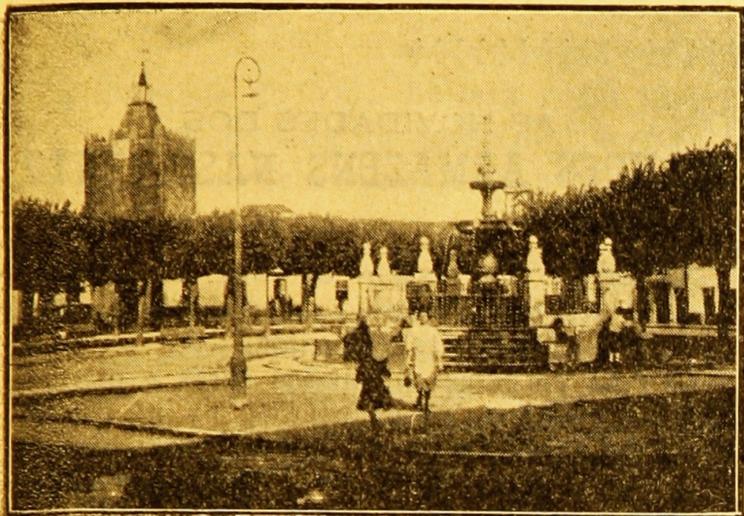
maravilha de arte, onde o talento do autor conseguiu dominar as asperezas do granito, produzindo uma obra sublime, na beleza escultural dos seus relevos.

Diz-se que a porta lateral foi feita por João de Tolosa, (1) em competência com o escultor que fez a porta principal. Se assim foi, ganhou a palma o artista da porta lateral. O tecto do templo é todo feito em riquíssima talha e, num altar, à direita, é digno de especial registo o sacrário giratório, em cujas faces se veem, belamente esculpi-

(1) Esta é também a opinião do sr. Dr. Figueiredo da Guerra, mas há quem sustente que João de Tolosa foi o mestre de toda a obra.

dos, os Passos da Paixão de Cristo.

A imagem do «Ecce Homo», que se vê na capela do Senhor dos Mareantes, veio, segundo a tradição, da Inglaterra, quando da perseguição movida por Henrique VIII, aos católicos. Estes, para evitar a profanação das imagens do seu culto, lançavam-nas ao mar, en-



CAMINHA — Praça Conselheiro Silva Torres

(Cliché de Celestino Pires)

cerradas em caixas, convenientemente vedadas. E, foi assim, que no ano de 1539, uns pescadores, ao recolherem as redes, arrastaram do seio das águas um caixão que encerrava a bela imagem cercada de riquíssimos paramentos e dois cálices de prata dourada.

*

A torre da Igreja, que foi construída pelo português Diogo Enes, é de forma quadrangular e remata com ameias, à guisa de castelo.

Data o começo da construção do templo, segundo opiniões autorizadas, de 1480 e foi feito à custa da Camara e de subscrição pública, no reinado de D. João II e, mais tarde, subsidiado por D. Manuel I, havendo-se gasto 68 anos na sua edificação.

Caminha, 18 — X — 928.

RUY DE SANTILENA.



MAXIMA — Quem não tem compaixão dos pequenos, merece experimentar a tirania dos grandes.

LIVROS RECEBIDOS

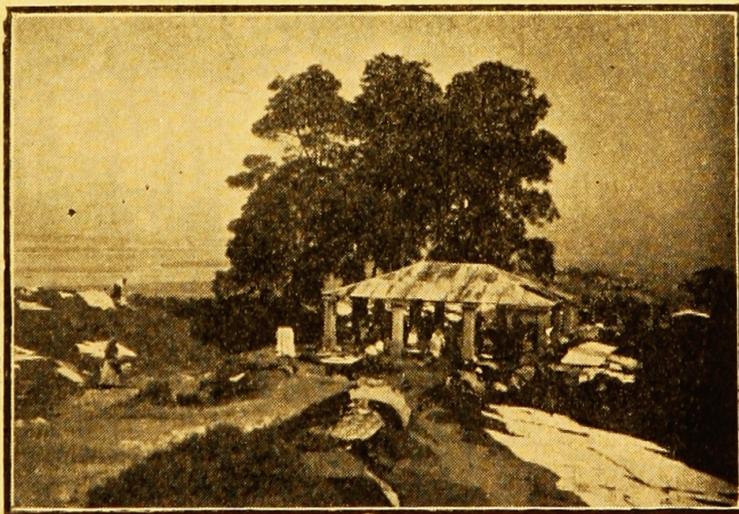
Missa dos Pequeninos

Recebemos um pequeno opusculo — intitulado — *Missa dos Pequeninos*, edição do nosso respeitavel amigo rev. dr. Agostinho da Mota, benemerito presidente do conselho da direcção do «Orfanato-Escola de Santa Isabel» de Lisboa.

E' seu autor, o rev. J. Alves Correia, Missionario do Espirito Santo. São, do mesmo autor, estas linhas, que, com muito prazer, reproduzimos.

«Como as crianças não entendem latim (prouvera a Deus que o entendesse a gente grande!...) não teem pacatez suficiente de ânimo para estarem individualmente a seguir num livro o que a Igreja reza por todos — já pegou a moda de as fazer matar distracções naturais, com a *distracção piedosa* do terço em comum ou de cânticos que nada teem que ver com a Missa!

Pois bem: aqui entretemos a devoção dos pequeninos com religiosos cantares, com orações, com leituras



CAMINHA — Lavadouro de Santo Antonio

(Cliché de Celestino Pires)

breves do catequista, mas cantos, orações e leituras que vão seguindo os passos e as palavras do Ministro sagrado.

Imprimem-se duas séries de opusculos: uns com a parte comum da missa dos pequeninos e a ordem que deve

seguir quem os ajuda a ouvi-la; outros com, a mais, os Evangelhos, Epístolas e Orações de cada domingo, para quem não tenha livro português com essas partes.

A música, muito infantil, é a do «Children's Mass» (excepto a do *Sanctus*, adaptada na missa do 1.º tom).

Os acompanhamentos são do meu confrade José Cosme, organista do Seminário das Missões do Espírito Santo».

Agradecemos a amabilidade da oferta da «Missa dos pequeninos», obra de muito valor e dum merecimento incontestável.

NO PORTO

AS NOVIDADES DOS GRANDES ARMAZENS NASCIMENTO

O inverno, que começa a insinuar-se nestas primeiras chuvas e num ar humido e frio, avisa-nos de que, para o suportarmos, é necessário uma certa temperatura confortavel...

Ora, este aviso, que todos nós ouvimos e vemos, só pode ser compreendido deante de determinados objectos que nos defendem do frio. Nós, que andamos sempre atentos ás metamorfoses do tempo, tivemos o feliz ensejo de compreender esse aviso, ao visitarmos, numa destas ultimas tardes cinzentas, as novidades de inverno que os Grandes Armazens Nascimento expõem nas suas elegantes mostras modernistas.

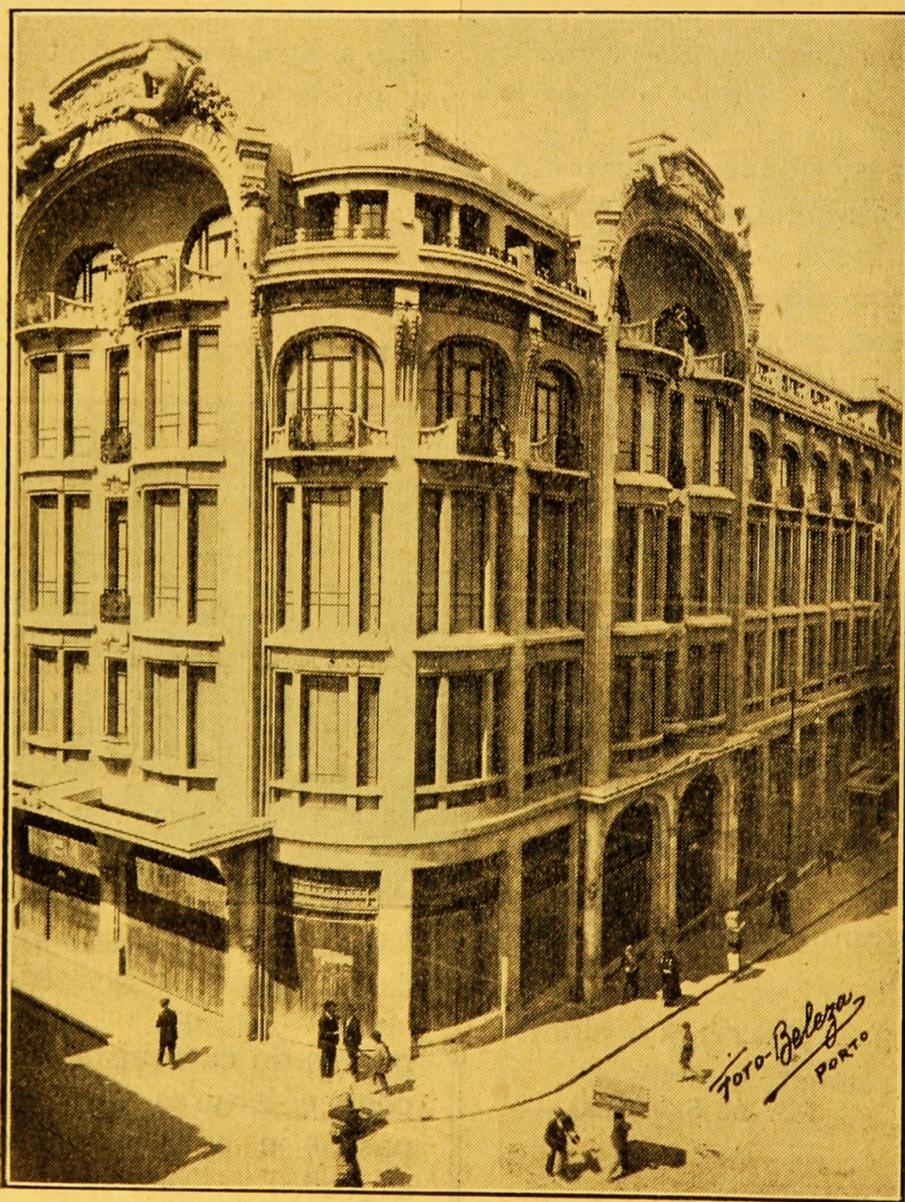
Deante, olhando as novidades para defeza do frio cortante do inverno, que os Armazens Nascimento expõem, tem-se a

agradável impressão de que o inverno pode ser compreendido como a estação das delicias e dos encantamentos.

As carpetes, de lindas cores e macias lãs e veludos, os caloriferos, as mil coisas que a inteligencia do homem descobriu e

inventou para obstar ás impertinencias do inverno, — tudo isso, em preços diferentes, em preços que não assustam as algibeiras menos abastadas, se pode ver nas vitrines e nas artisticas e espaçosas secções dos Armazens Nascimento.

E' certo, é muito certo que o inverno é muito antipatico pelo frio com que nos mimoseia. Estamos certos, com tudo, de que toda a gente pode defender o seu lar dessa impertinencia, se, na sua utilidade utilitaria, visitar os Grandes Armazens Nascimento, do Porto.



PORTO — Fachada dos Grandes Armazens Nascimento

○ voto do ti'Antone

NOTA DA REDACÇÃO. — Este conto, que tem um sabor genuinamente moralizador evidenciando as faculdades descriptiveis do autor, é da pena dum *novo* cheio de talento, que tambem é um cultor delicado das musas, dispondo dum temperamento ingenito de poeta. Os seus versos que a «Ilustração Católica» vai publicar em breve, são tambem duma encantadora naturalidade, duma forma espontanea e fluente.

Alfredo Barreto é um verdadeiro artista, que inicia nesta revista a sua carreira literaria. E' um novo que revela um talento muito apreciado.

O ti'Antone do Vale, berrava como um possesso, entre um grupo de lavradores que o seguravam pelas mangas esfrangalhadas, da jaqueta de serguilha. Era um domingo de Outono. Grupos de mulheres e de homens, saindo da missa do dia, formavam um circulo apertado em redôr do desgraçado, que tentava arrancar-se aos pulsos dos que o prendiam, e recusava acompanhá-los.

O velho cura, imagem de santo, em rugada tela de mosteiro, que setenta anos de vida e quarenta de ministerio haviam emuldorado de cabelos brancos, embrulhado numa batinha roçada, que fôra de luxo, na sua missa nova, e ainda a melhor que possuia, comentava com alguns dos seus paroquianos, a loucura do pobre velho, que rugia entre o povo, como féra açaimada. Grossas lagrimas rolavam pesadas dos olhos do velho padre e paravam por vezes, a traduzir uma dôr infinita, no pregaminho das suas faces cavadas.

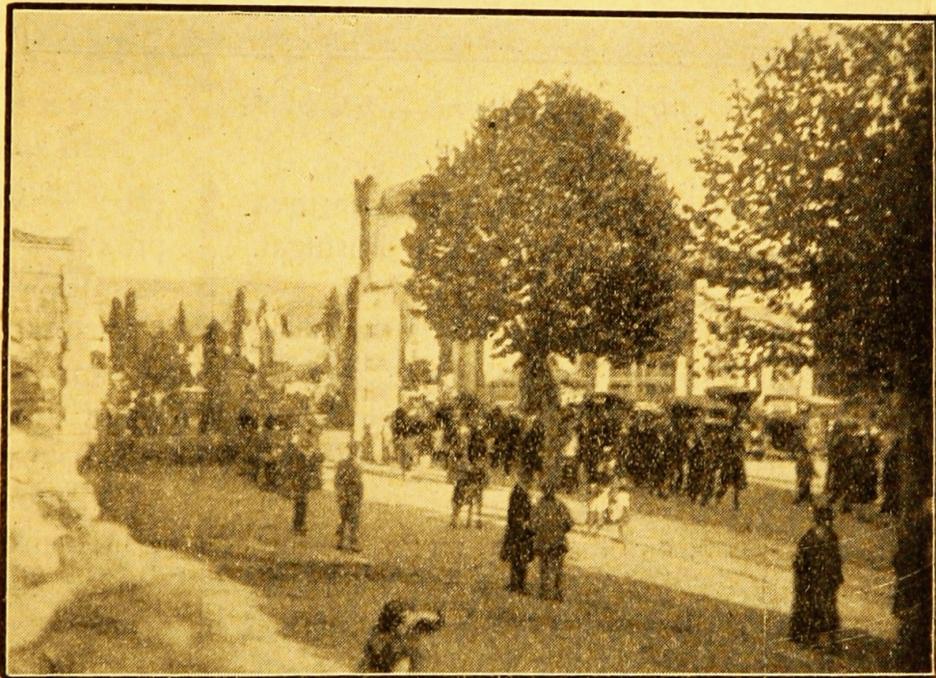
Pobre Antonio, dizia; o primeiro caracter daquela aldeia, a sua lista mais antiga, o seu amigo mais velho!!...

Não se compreendia!... E fôra ele, que provocara aquela loucura! Santo Deus, sentia quebrar-se-lhe o coração!!...

Sentado nos degraus do cruzeiro, o ti'Antone, ainda amarrado por dois homens, trazia os olhos perdidos no espaço, e tinha no olhar, o brilho feroz das grandes alucinações. Articulava meias palavras, que as mulheres monologavam entre espantadas e tristes. De vez em quando, o pobre velho

tentava desprender-se, crispava as mãos calejadas da enxada e parecia aterrado, ante uma visão, que o perseguia. Caía novamente num torpor que lhe amortecia os nervos e voltava a encadear palavras, onde o nome do «Brazileiro», aparecia mil vezes repetido.

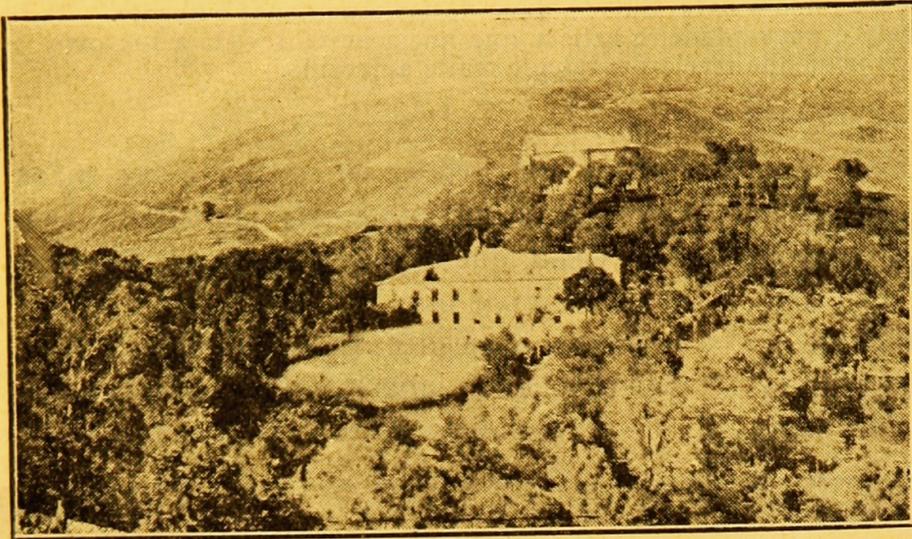
A republica, havia trazido ao paiz in-



EM BRAGA — No dia 1 de Novembro. A' entrada do cemiterio, na visita aos mortos

teiro, o susto das guerras civis. O povo sentia-se mal e nesta atmosfera de revolta ao ouvir o relato de varios crimes, filhos do vandalismo de muitos revoltosos, comentava espantado: — «S. Sebastião milagroso; só no tempo dos francezes!» — Ao grito de «Liberdade», saqueavam-se as igrejas, prendiam-se e espancavam-se os seus ministros. O povo olhava espantado para tudo isto, e ás lareiras de Portugal, ouvia-se a voz dos velhos, pausada e dorida, contando ainda, num segredo de susto, a historia horrorosa de tantos crimes que as invasões «Napolionicas», marcaram na cartilha dum povo, com um rasto de sangue e labaredas. As mulheres, torciam os aventais e de olhos

espantadíssimos no brazido do lar, choravam os filhos que àquela hora, talvez, estavam bem longe da vida, sob o chuveiro das balas. O povo pranteava a corôa deportada o trôno desfeito do seu rei, e o vermelho



BRAGA — Falperra — Vista geral

berrante dum estandarte novo, mascarrava de sangue os poentes serenos de Portugal.

O unico filho do ti'Antone do Vale, completara 20 anos em Abril e as inpecções estavam á porta. Môço, forte e robusto, o Manuel iria servir o seu paiz. Não havia taboa de salvação. O ti'Antone, falava ao snr. Cura; com os olhos marejados de saudade e indignação: — Não devia ser assim! O rapaz não era republicano, ele, votava nos católicos com sua Reverencia, como todo o mundo sabia, e se o rapaz não votava, é porque não sabe escrever; ora, quem não tem voto porque não sabe escrever, tambem não devia ser militar.

E o pobre velho chorava, rugindo no seu íntimo, uma praga medonha, contra os prègadores duma falsa liberdade, que lhe manietava todas as vontades. O Cura, chorou tambem, a dôr daquele pai. E aproximando-se da escrivaninha de pau santo, unico movel do seu quarto, arredou do escano o dinheiro de tres missas, destinado á primeira necessidade, dirigiu-se ao velho:

— Antonio, compreendo a tua dôr e não posso remediar esse mal. Sou padre... não me atenderiam.

E estendia ao lavrador a mão magra e tremula, com aquele dinheiro que ainda, talvez, molhado no pranto dum filho orfão,

iria enchugar as lagrimas, dum pai aflito. O velho chorando mais, quiz recusar a esmola; não, porque era esmola, mas porque era um pobre que a dava. — Tinha vendido o cevado... era pequeno, mas 9\$000 réis, já davam alguma coisa; depois, a mulher, fizera dez tostões duns fiados... A imposição do padre foi fatal. — Não era esmola; ele lhe diria quando o havia de pagar... Arranjasse como pudesse, mas não vendesse a sua honra. O ti'Antone, chorava copiosamente quando saiu. A sua grande dôr, não lhe deixara ouvir a ultima recomendação. O velho Cura tomou das contas de azeviche e começou de encomendar ao Céu, a dôr daquele velho.

Não ha duvida, o rapaz livra-se, mas com uma condição: — Você, dá-me o seu voto nas proximas eleições!... Um rochedo que se desprendesse no alto do monte da Corredoura e rolasse despenhado na encosta, aos pés do velho, não lhe produziria, maior abalo. Tremiam-lhe as pernas. Quiz dizer que não, mas o rapaz era seu filho. E o ti'Antone saiu cabisbaixo da casa do «Brazileiro». Já não trazia lagrimas nos olhos, mas caminhava triste e pensativo. A ultima recomendação do Cura, não tinha sido ouvida.

Rompia uma manhã radiosa de Setembro, naquela aldeia minhota. Uma destas manhãs de Portugal, pacifica e serêna, cantada de galas e de ceifeiras, banhada de sol e unvida de orvalho. Chocalhavam gados nas arribadas da serra e as casinhas caídas do povoado, eram turibulos de unção religiosa, perdidos e dispersos na quietitude dos pinhais e dos santos, a espalhar perfumes de resinas, no ambiente quieto da alvorada.

O velho Cura, cavalgando a garrana mal pensada dum freguez, era seguido de quasi todos os seus paroquianos. Faltavam apenas o regedor, que era da instituição, e o ti'Antone do Vale, que desde a vespera, não estava em casa. Eram cem votos que o venerando sacerdote levava á urna católica.

O Cura seguia calado sobre a manta es- carlate do arreio. Os homens, comentavam a falta do Val, cochichando suposições mais ou menos acertadas: — A ressalva do filho... — O homem tinha razão; — aquilo, foi combinado com o padre... — Mas Ele, preguntara pelo o do Val?... e caminha- vam sempre, anciosos da verdade. Junto da escola da Carvoeira, havia um grande po- vileu. Acabavam de ser chamados os de Medêlo. Alguns já tinham votado. O padre e os seus, chegaram um pouco tarde mas não fez grande diferença. Depois de encer- radas as suas listas, o velho Cura, erguendo a cabeça nevada em meio dos homens que se acotovelavam na sala, descobriu o Anto- nio do Val, encolhido a um canto, junto dos homens do «Brazileiro de Caniços». Conse- guira aproximar-se dele, e traze-lo até á porta. Ali houve alguém que viu o lavrador dobrar os joelhos e erguer as mãos para o padre que não consentiu semelhante es- pectaculo. Apenas dos labios do venerando sacerdote saíram as seguintes palavras: —

Que qualquer outro dos meus homens me atraçoasse, An- tonio, embóra; são novos ami- gos meus, mas tu, tu que es- tudastes nos meus livros... tu... — As lagrimas não o deixaram continuar.

O lavrador, quiz cair no- vamente de joelhos. Então, o padre, tomando-o do braço trouxe-o consigo, ao longo do caminho, e começou:

— Votas-te nos inimigos da tua igreja, do teu padre, da tua religião. Recomendei-te que não vendesses a tua honra; fôste surdo, aos meus conselhos. A ressalva do teu filho, não foi um favôr, foi um contrato, que sòmente ofuscou o teu character. Roubaste a Deus, para pa- gar aos homens. Que o Senhor te não dê, a paga que mereces.

O velho Cura, coberto de lágrimas, o peito roçado da sua batina velhinha, voltou as costas ao lavrador, que soluçava encos- tado ao guarda-chuva de cana.

Alguem afirmou ter visto o do Val, em

cabelo, a correr e bociferar contra o «Bra- zilheiro de Caniços», à hora em que se es- perava o resultado das eleições.

Dias depois, um domingo triste de Outono, um velho lavrador de Medêlo, atra- vessava a freguesia espavorido e descalço berrando maldições. Corria para o lado da «Igreja», seguido de alguns homens, que corriam tambem.

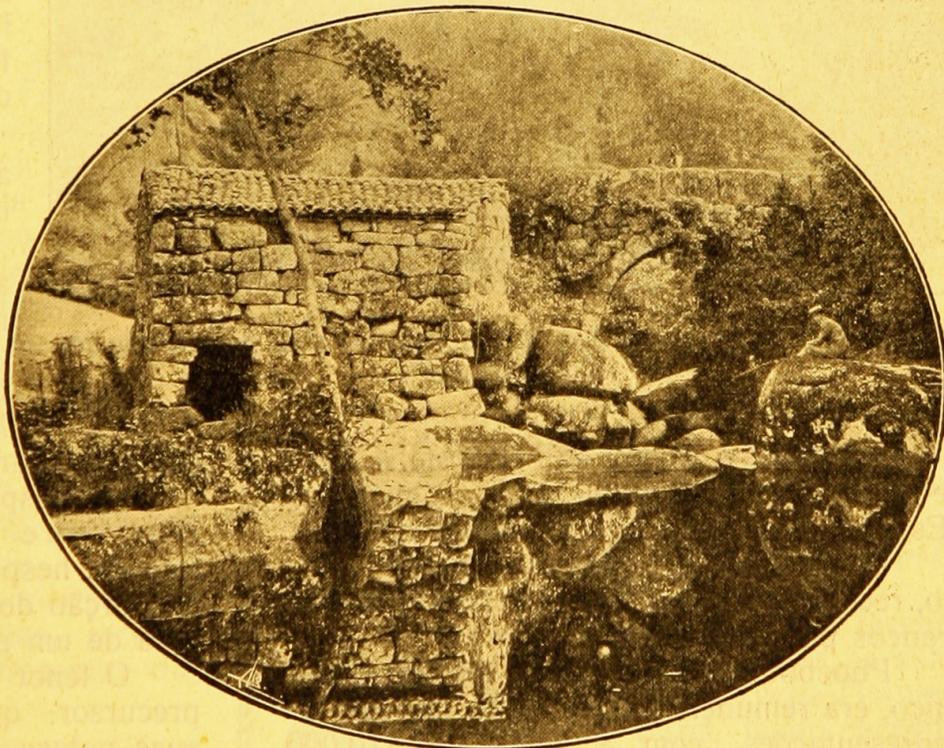
Já lá vão doze anos pesados como amarguras. O «Tolinho do Val», é rara- mente lembrado.

O velho Cura, dórme tranquilo o seu sono eterno, num recanto penumbrôso da «Capela Mor».

O ti Manel do Val, lavrador dos seus trinta e dois anos, que muito a custo apren- dera a fazer o seu nome, é o único voto católico, na povoação meio esquecida, de Medêlo.

Barrezes — Beiral do Lima
Ponte do Lima — 16/11/925

ALFREDO PINTO BARRETO.



VIEIRA DO MINHO — Mosteiro — Ponte romana de Vila-seca

Pensamentos

Passamos a vida a dizer: «mais tarde!» e a ouvir dizer: «muito tarde!»

*

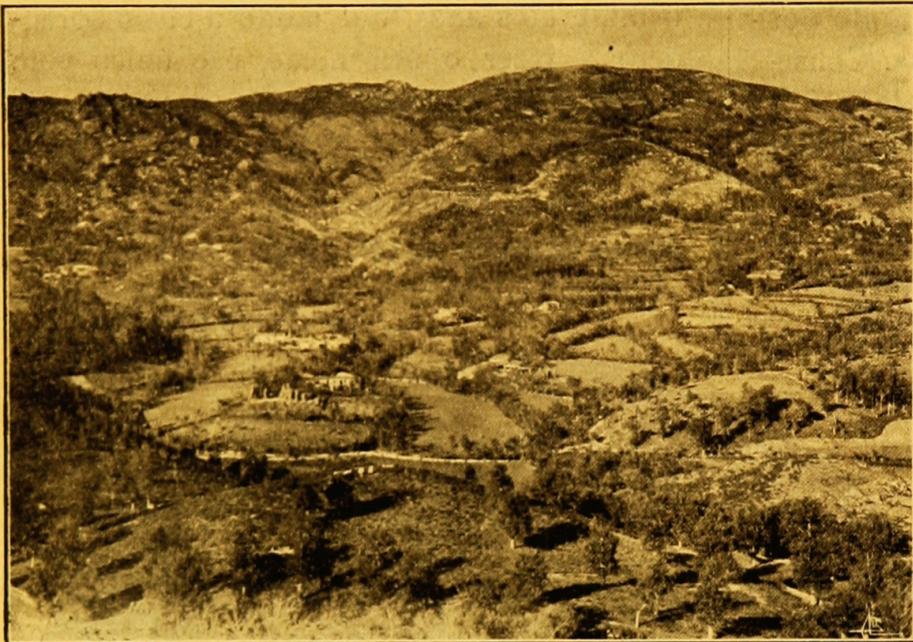
O meio mais seguro de sermos engana- dos é julgarmonos mais perspicazes do que os outros.

O que ganham os artistas

A morte trágica de Fragson, o aclamado cantor de canções, atraíu a atenção do publico para as *estrelas* de café-concerto. A fortuna relativamente consideravel, deixada pelo cantor à moda, surpreendeu todos quantos desconheciam certas particularidades de ordem teatral e ignoravam que Fragson recebia mil e duzentos francos para cantar seis canções.

Em todas as épocas os artistas de nomeada foram bem remunerados.

Os romanos não se mostraram menos generosos do que são os actuais parisienses.



VIEIRA DO MINHO — S. Paio d'Eira Vedra — Vista geral tirada dos montes Brancelhe

Macrobo, o auctor das *Saturnais*, refere-se à prodigiosa riqueza do comediante *Æsopus*, que legou cinco milhões ao filho.

Dionisia, actriz trágica do teatro Latino, recebia 200.000 sestercios, isto é, 50.000 francos por uma estação.

Phoebos Vocondia, actor do teatro comico, era remunerado, por cada periodo de representações, com a soma de 170.000 sestercios.

O bailarino Jasão, tendo executado, um dia, um passo inédito diante de um triunviro, Crassus, recebeu por isso a quantia de 6.000 francos.

Os ricos patrícios pagavam até 30.000 francos um escravo habil na arte de tocar a lyra.

Se Paris subvenciona teatros, não applica esse favor pessoalmente aos comediantes, como faziam os romanos no tempo de Cicero. Ora, ao actor Roscius, amigo do

grande orador, independentemente de uma soma avultada por cada representação, era atribuída, pelo tesouro publico, uma quantia avaliavel em novecentos francos por dia.

Já no século de Luís XIV, os actores da moda exigiam retribuições de príncipes.

E se os auctores das tragédias e das comédias recebiam um pagamento limitado, pelas suas produções, os seus interpretes tinham lucros avultados.

Os escritores desse tempo protestavam, frequentemente, contra as escandalosas exigencias dos actores. E La Bruyère diz nos seus *Caractères*: «O comediante, recostado no seu carro, atira lama ao rosto de Corneille, que passa a pé».

No século seguinte, as actrizes tragicas famosas, como M.lle Clairon da *Comédie-Française*, cada vez mais exigentes se tornavam.

Quanto às cantoras da Opera, as suas pretensões eram de tal modo excessivas que todos os jornalistas reclamavam contra isso.

O facto não se dava unicamente em França. Em 1770, a cantora Gabrielli, achando-se em Moscou, foi solicitada pela imperatriz Catarina II para cantar na côrte. Pediu 5.000 ducados de honorários.

— E' demasiado! exclamou a soberana. Nenhum dos meus marechais recebe tanto.

— Nesse caso, replicou a artista, faça cantar um dos seus marechais.

Em Londres, Lucrecia Bastardina, cuja voz maravilhava Mozart, tinha dois mil francos

por noite, para cantar dois trechos de opera.

Na Hespanha, a artista Mingottis, poliglota, que cantava indiferentemente em francês, hespanhol ou italiano, foi paga na proporção de dez mil libras para cantar em casa de um príncipe andaluz.

O tenor Caruso teve, nessa época, um precursor, quanto ao elevado preço das suas notas: o tenor Cafarelli, que a moda então impunha.

Esse cantor exigia 45.000 francos para cantar tres vezes por semana, durante tres mezes.

Conta um dos seus biografos que se poderia abrir uma loja de ourives com os objectos de prata, ouro e brilhantes que lhe foram enviados pelos admiradores, por ocasião das suas representações em Napoles, em 1730.

Luiz XV o chamou a Versalhes, alojou-o no palacio e deu-lhe um carro com seis

jacaios ás suas ordens. Jéliotte, outro tenor em voga, fez rapidamente fortuna em Paris.

Ao tenor Garat, dava-se, em 1799, quinze mil francos por ter cantado em tres concertos na Opera.

Saint-Huberti, a interprete predilecta de Gluck, possuia milhões. Luiz XV lhe conferiu o collar de S. Miguel.

Rosalie Levasseur, que enriqueceu, graças á sua voz, teve, em 1771, o titulo de baroneza do Santo Imperio.

A cantora Desmatins, outra artista famosa, tendo cantado na residencia de um financeiro, recebeu, num envelopo, um bilhete de mil francos, com estas palavras: «Inclusos envio mil francos e dez mil cumprimentos».

Ela respondeu sem demora: «Obrigada. Preferiria, no entanto, mil cumprimentos e dez mil francos».

Nessa época as dançarinas eram mais modestas do que as cantoras. Em 1772, a celebre Guimard, primeira bailarina da Opera, tinha apenas 600 libras por ano.

No seculo XIX aumentaram os honorarios dos artistas. Começaram, então, as *tournées* dos grandes comediantes e dos cantores de renome. E essas viagens proporcionavam, então, grandes lucros.

Todos os anos, Talma, o aclamado actor tragico da Comédie-Française, obtinha uma licença de alguns mezes e viajava, ganhando, com frequencia, mil francos por cada espectáculo, o que era uma soma extremamente elevada para o seu tempo.

M.lle Mars pedia mil francos por cada representação, quando se achava em *tournee*.

Mais tarde, Rachel, em 1840, ganhava 60.000 francos por ano, que juntava ao producto das suas excursões ao estrangeiro.

Em vinte anos a grande tragica recebeu mais de doze milhões.

Sarah Bernhardt, que tem visitado varias vezes os Estados-Unidos, recebeu 600.000 francos quando aí representou durante quatro mezes.

Na Opera, foi sob a direcção de Véron que começaram os altos *cachets*. A celebre Taglioni ganhava 36.000 francos por ano; Carlota Grisi, 42.000; Rosati, 60.000. Mais tarde, a dansarina Rosita Mauri tinha 40.000 francos anuais.

Quanto aos cantores, Duprez, tenor, recebia 70.000 francos; Baronnet, 60.000; Lavasseur, 45.000; Mario, 30.000; M.lle Falcon, 50.000; Rosina Stolz, 72.000; Sophia Cruvelli, 100.000.

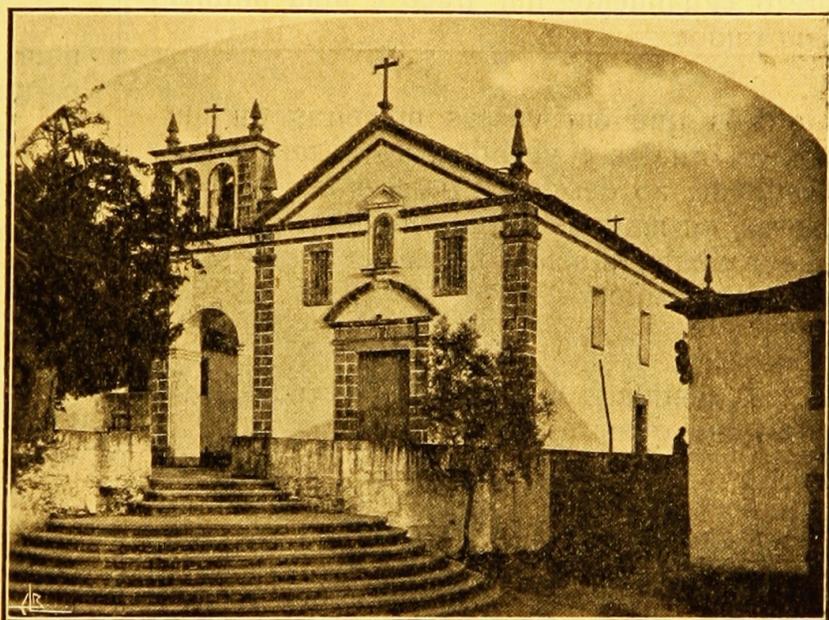
Ha vinte anos, o baritono Lassalle ga-

nhava 11.000 por mez na Opera; Jean de Reszké, 6.000; Eduardo de Reszké, 5.000; o tenor Escalaïs, 45.000 por ano; Rose Caron, 85.000.

Entre os artistas liricos, sobresáe a cantora Patti, que, na America, recebia 25.000 francos por cada representação. De 1861 a 1881, o seu canto lhe proporcionou, anualmente 800.000 francos, em média. Calcula-se que ela tenha ganho dezoito milhões de francos durante a sua carreira artistica.

Depois dela, deve ser citado o tenor Jean de Reszké, que chegou a ganhar, em Nova-York, 12.000 francos por noite.

Caruso teve anos em que recebia um milhão e duzentos mil francos, incluindo 200.000 que a Sociedade dos Gramofones lhe dava para ter o monopólio da sua voz.



VIEIRA DO MINHO — Mosteiro — A igreja parochial e seu torreão

Entre os instrumentistas, cumpre lembrar, primeiramente, Paderewski, o pianista aclamado, que numa *tournee* nos Estados Unidos ganhou um milhão.

O violonista Kubelick pede 2.500 para tocar dois trechos musicais.

No café-concerto, Thérésa não recebia mais de cem francos para cantar as suas aplaudidas cançonetas. Mas Yvette Guilbert tinha 800 francos em Paris, tendo chegado a receber 1.700 em Berlim e em Londres.

Paulus, na America, era pago á razão de 25.000 francos por mez.

Fragson, em Londres, onde era muito estimado, ganhava, em média, 21.000 francos por mez.

O povo assemelha-se ás creanças: maravilha-se com o que não comprehende.

ANECDOTAS HISTORICAS

Não há coisa que coloque mais alto um sexo na estima d'outro sexo, que a castidade.

*

Uma mulher casta é respeitada do homem mais devasso; êle abaixa os olhos diante dela e purifica a sua lingua quando ela escuta.

*

Napoleão que punha acima de tudo o valor, dizia: A castidade é, para a mulher o que a coragem é para o homem; eu desprezo igualmente um fraco e uma mulher sem pudor.

*

Vós que em vossas maneiras ou em vossos ornatos e vestidos, sacrificais a honestidade, ao desejo de parecer mais ispirituosas, ou mais belas, enganais-vos; tudo o que roubais àquella virtude, diminuis aos vossos encantos.

*

A castidade é o lírio das virtudes; ella nos torna quasi eguaes aos anjos.

*

Nada é bello senão o que é puro; e a castidade é a nossa pureza.

*

Perdemos sempre a amizade daqueles que perdem a nossa estima.

*

Os espíritos simples e sinceros só em parte se iludem.

*

A indulgencia é um elemento da justiça.

*

A mesma crença une mais os homens de que o mesmo saber; isso succede, sem duvida, porque as crenças vêm do coração.

*

Tudo se aprende, mesmo a virtude.

*

Os bons sentimentos nada valem, se não se transformam em boas acções.

*

Na sobriedade ha aceio e elegancia.

Receio mais um exercito de cem carneiros comandado por um leão do que um exercito de cem leões dirigido por um carneiro.

*

O dinheiro tem matado mais almas do que o ferro tem matado corpos.

*

Os homens sensatos são os melhores dicionarios de conversação.

*

As verdades escritas só nos impressionam quando ellas confirmam as nossas experiencias pessoaes.

*

Se alguém vos disser que não é de nenhum partido, podeis estar logo certos de que elle não pertence ao vosso.

*

Quando uma sociedade não póde crear um governo, a este cumpre crear uma sociedade.

*

Quando visito uma capital, ha sempre quem me afirme que é aquella a cidade mais corrompida da Europa. E é sempre exacto.

*

Henrique VII, rei da Inglaterra, mandou vir á sua presença um astrólogo que predizia o bem e o mal que succederia aos outros, e perguntou-lhe onde elle proprio passaria as festas de Natal. O astrólogo respondeu que não sabia.

— Neste caso, disse-lhe o rei, sou melhor astrólogo do que tu, porquanto sei que as vais passar na torre de Londres.

E ordenou sem demora que conduzissem o adivinho á prisão.

*

O celebre actor Dominique, achando-se numa ceia ofrecida por Luis XIV, fixava os olhos num prato de perdizes. O rei, notando-o, disse:

— Ofereça-se esse prato a Dominique.

— Oh! Senhor... e as perdizes tambem?

O monarcha, sorrindo, acrescentou:

— Sim, com as perdizes.

E Dominique teve, desse modo habil, o prato, que era de ouro.